



PÁGINA INICIAL

REVISTAS



- VEJA**
- Beleza perfeita
  - Índice

1 2 3 4 5 Assine!

- VEJA
- Veja São Paulo
- Veja Rio
- Newsletter VEJA
- Edições especiais
- Edições extras
- Edições anteriores

**VEJA 40 anos**

- Seminário e vídeos
- Cinemateca VEJA**
- Conheça a coleção

**OS MAIS VENDIDOS**

- Lista estendida dos livros mais vendidos

**BUSCAS**

- Busca Avançada
- Capas
- Arquivo 1997-2008
- Arquivo e Coleções 40 anos de VEJA
- O Melhor da Cidade

**BUSCA**

- Busca avançada

**REVISTAS**

**VEJA**

- Edição 2084**  
29 de outubro de 2008
- **ver capa**

**NESTA EDIÇÃO**

- Índice
- Brasil
- Economia
- Geral
- Guia
- Artes e Espetáculos

**SEÇÕES**

- Carta ao Leitor
- Entrevista
- Lya Luft
- Leitor
- Millôr
- Blogosfera

**PANORAMA**

- Imagens da Semana
- Holofote
- SobeDesce
- Conversa

Cidade do México

19°N

SITES ABRIL CELULAR ASSINE SHOPPING

Notícias Esportes 19°N Diversão Saúde Mulher Meu site

SITES ABRIL CELULAR ASSINE SHOPPING

Notícias Esportes Diversão Saúde Mulher Meu site

BUSCA

FALE CONOSCO

Escreva para VEJA

Para anunciar

Abril SAC

ASSINE veja

Escolha: 20% de desconto ou até 12 meses grátis!

ACESSO LIVRE

- Conheça as seções e áreas de VEJA.com com acesso liberado

Educação

# Obscurantismo na universidade

**O venezuelano Chávez cria uma rede de instituições de ensino superior que faz propaganda do seu governo e tem como objetivo formar "o novo homem socialista do século XXI". É a morte da razão**

Camila Pereira, de Caracas

Fotos Anderson Scheider

Publicidade

Cidade

• Guia internet

**COLUNISTAS**

- **Antonio Ribeiro,**  
de Paris
  - **Betty Milan,**  
sexualidade
  - **Costa Machado,**  
direitos fundamentais
  - **Diogo Mainardi,**  
podcast
  - **Geraldo Medeiros,**  
obesidade/nutrição
  - **Gustavo Ioschpe,**  
educação
  - **Isabela Boscov,**  
cinema
  - **Jairo Nicolau,**  
pesquisas/eleições
  - **Lauro Jardim,**  
Radar on-line
  - **Lucia Mandel,**  
dermatologia
  - **Mayana Zatz,**  
genética
  - **Reinaldo Azevedo,**  
blog
  - **Renato Dutra,**  
atividade física
  - **Roberto Gerosa,**  
vinhos
  - **Tony Bellotto,**  
crônicas
- Olimpíada 2008**
- Thaís Oyama
  - Carlos Maranhão
  - Ye Li

**SEÇÕES ON-LINE**

- **Comer e beber**
- **Educação**  
- Veja na Sala de Aula
- **Eleições 2008**
- **Saúde**

**VEJA Na História**

- Primeira Olimpíada
- Copa de 1958
- Israel

- Números
- Datas
- Radar
- Veja Essa

**Sob o olhar de Chávez e Fidel**

As estudantes de medicina Kharla e Nincy na sala de aula decorada com fotos dos dois líderes: gratidão ao presidente pela vaga na universidade

Cartazes com dizeres como "O neoliberalismo selvagem fracassou" e panfletos de propaganda do governo Hugo Chávez tomam as paredes da Universidade Bolivariana, a maior de todas na Venezuela, com 260 000 estudantes. Numa aula sobre economia, os alunos recebem uma lição de ódio ao McDonald's – "que vem ao nosso país, usa nossa luz, nossa água e leva o dinheiro embora". A vitrine da livraria exhibe dois dos best-sellers no câmpus, *Razões para uma Revolução* e *Marxismo Aberto*. O que fazem esses jovens no tempo livre? O trivial – conversar, ouvir o hip hop do grupo 3 Dueños, ir ao McDonald's vizinho ("Fazer o quê? É bom!"). Também participam de manifestações simpáticas ao governo. Alguns dos estudantes são ainda integrantes das milícias chavistas, nas quais podem se alistar no "Escritório de integração cívico-militar", que funciona no próprio câmpus. Resume, orgulhosa, a secretária-geral da universidade, Xiomara Muro: "Estamos a serviço da revolução bolivariana. Nosso objetivo é formar o novo homem socialista". Não é a única na Venezuela. Nos últimos cinco anos, Chávez esparramou pelo país mais de quarenta sedes de faculdades nesses moldes e conseguiu se apoderar de outras existentes. Hoje, mais de 500 000 estudantes freqüentam uma dessas instituições, a maioria deles das classes C e D. Já são um quarto de todos os universitários do país – e o plano do governo é dobrar o número de matrículas.

B

- 1808
- Crise dos Mísseis
- II Guerra Mundial
- Regime Militar
- Descobrimento
- República

#### Especiais

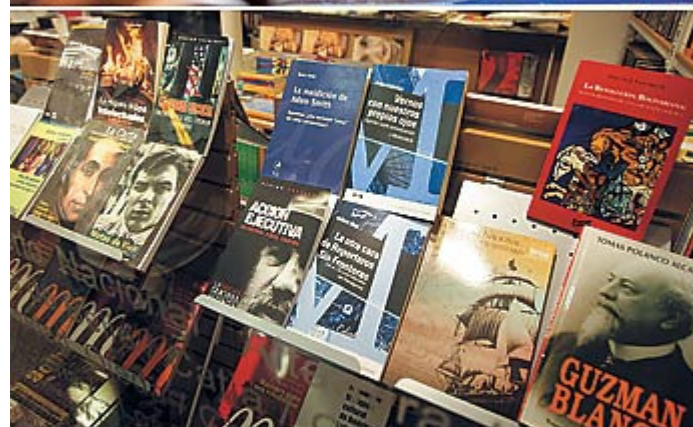
- Collor
- Julgamento do mensalão
- 10 anos de VEJA.com
- Aquecimento global
- Eu Digital
- Governo Lula
- Ronaldo
- Desastres naturais
- 50 anos do Rock
- Brasil nas Olimpíadas

#### Coberturas on-line

- Copa do Mundo 2006
- Conheça o país
- Cronologia
- Quem é quem
- Em profundidade
- Perguntas e respostas
- Em dia
- Testes

#### MULTIMÍDIA

- Trechos de livros, músicas e filmes
- Livros mais vendidos
- VEJA no celular
- Vídeos



#### Universidades alinhadas

Nas instituições controladas por Chávez, painel gigante mostra o presidente numa colação de grau (*no alto*) e a livraria vende biografias de Che e Fidel. Também há muitos cartazes de propaganda do socialismo chavista. Um deles (*à dir.*) está fixado na porta da sala da direção

O avanço de Chávez nas universidades chama mais atenção agora pelas dimensões que tomou – mas trata-se de um projeto antigo. Uma das primeiras medidas adotadas por ele quando assumiu o governo, em

**BuscaPé**

Lavadora

Consul

Maré 10,2kg



a partir de R\$

**1.189,00**

1999, foi trocar a direção de um instituto politécnico das Forças Armadas, espécie de ITA venezuelano, e colocar lá gente de sua confiança. O que era um oásis de excelência freqüentado por 2 500 alunos se transformou na Universidade Experimental das Forças Armadas (Unefa), onde estão matriculados hoje 220 000 estudantes. Era uma referência nas ciências exatas. Atualmente, ensina de tudo. De gestão municipal a administração de desastres, cursos cujo propósito é formar gente para trabalhar no serviço público. Nessa e nas outras universidades chavistas, também foi abolida o vestibular. Basta apresentar o diploma de conclusão do ensino médio para conseguir uma vaga. Isto mesmo: entra quem quer. Essa política fez o orçamento para o ensino superior triplicar em quatro anos – e tem surtido efeito positivo para a imagem do governo. "Se houvesse uma prova, jamais teríamos chance de passar na faculdade de medicina. Devemos isso a Chávez", fazem coro as estudantes Kharla Andrade, 22 anos, e Nincy Bolivar, 30. Cada uma delas já colecionava no currículo três tentativas frustradas de ingresso no curso de medicina.

Ao enterrar a meritocracia e transformar as universidades em locais onde grassa uma ideologia do passado, o governo Chávez põe de pé um sistema incapaz de formar jovens preparados para atuar numa economia globalizada (esta, lembrada nas aulas como "a causa de muitas mazelas latino-americanas"). Diz o sociólogo Amalio Belmonte, secretário-geral da Universidade Central da Venezuela (UCV), uma das melhores públicas do país, que manteve sua autonomia: "Ingressam nas universidades chavistas alunos que mal sabem escrever e sai delas gente pessimamente preparada para enfrentar um mercado de trabalho moderno". A UCV e outras instituições públicas de ensino superior conseguiram preservar sua independência, apesar das várias tentativas do governo de absorvê-las em sua rede. No ano passado, Chávez lançou um referendo que, entre outras medidas autoritárias, previa o fim da autonomia nas universidades. Submetido a um plebiscito popular, o referendo naufragou – tal como a oficialização de um "currículo bolivariano" nas escolas (*veja quadro abaixo*). Com seu raio de ação limitado, o governo se pôs a construir faculdades e a intervir em outras que já eram dependentes dele. Na propaganda, aparecem como modelos a ser seguidos. Na prática, os próprios integrantes da cúpula chavista batem à porta do secretário-geral Amalio Belmonte para pedir vagas aos filhos (apesar de lá, sim, haver vestibular). Ao secretário, eles assumem: "As universidades bolivarianas são piores".

**BuscaPé**

**Lavadora**

**Consul**

**Maré 10,2kg**



a partir de R\$

**1.189,00**



#### Os entusiastas e um opositor

A turma de estudantes de jornalismo (*no alto*) promete levar a "verdade ao povo", quer trabalhar em jornais do governo e adora Chávez. Já o professor Robert Rodríguez (*acima*) sofreu por criticar o chavismo: "Fui dispensado da universidade"

Essas instituições, no entanto, têm se prestado bem a dois objetivos chavistas – um deles declarado, outro não. Além de formarem gente para trabalhar no setor público, como anuncia a propaganda, as faculdades de Chávez também se propõem a coibir o tom crítico ao governo, típico do meio acadêmico. Nessas universidades, há mecanismos para censurar as queixas ao chavismo. Antes de entrarem na sala de aula, os professores precisam provar afinidades com o regime populista de Chávez e ainda freqüentar um "curso de indução", cujo nome já esclarece o propósito. Durante três meses, são apresentados à Constituição Bolivariana e recebem clara orientação para não falar mal do governo. "Alguns dos meus colegas não concordavam com essa linha e decidiram abandonar o curso", conta a

**BuscaPé**

Lavadora  
**Consul**

Maré 10,2kg



a partir de R\$

**1.189,00**

professora da Universidade Bolivariana Maria Graciela Alvino ("chavista, do contrário não estaria lá"). Uma vez na sala de aula, os professores são vigiados de perto. O cientista social Robert Rodríguez, que lecionou na Universidade das Forças Armadas, chegou a fazer comentários desfavoráveis ao governo e aboliu um ritual que julgava excessivo: toda vez que entrava em sala, era saudado pelos estudantes com o slogan "Pátria, socialismo ou morte". Ao fim do ano letivo, a universidade dispensou Rodríguez. "Não tenho dúvida de que foi uma represália. Nas instituições chavistas, ou o professor segue à risca a cartilha, ou está fora."

Historicamente, as universidades têm sido alvo de regimes autoritários, como o de Hugo Chávez. Durante os anos de trevas da Revolução Cultural chinesa, Mao Tsé-tung perseguiu os professores de forma violenta e fez das instituições de ensino superior um deserto de idéias. O modelo de Chávez guarda semelhanças com o Instituto dos Professores Vermelhos, sistema implantado na Rússia logo depois da revolução comunista. Chávez também copia o exemplo soviético ao congelar o orçamento das antigas faculdades e canalizar verbas para as suas. Ele diz: "Vamos fortalecer as universidades que estão a serviço da revolução". Enquanto no caixa destas sobra dinheiro, as outras estão na penúria. "Esse é um processo típico de governantes autoritários, que desprezam o valor da liberdade de pensamento", resume o historiador americano John Connelly, da Universidade da Califórnia, autor do livro *Universidades sob Ditaduras*. Ao planejar suas universidades, Chávez priorizou a formação de profissionais com o maior potencial de divulgar seu ideário, caso de professores e jornalistas. Diz a estudante de comunicação social Lilian Rodríguez: "Vamos levar a verdade às pessoas". A história mostra que, quando um governante e seus seguidores se julgam donos da verdade, o resultado é a perseguição inclemente à liberdade individual – e o obscurantismo intelectual.

## AS UNIVERSIDADES DE CHÁVEZ

Como são as instituições de ensino superior controladas pelo governo venezuelano



### **Professores**

Antes de entrarem na sala de aula, eles são treinados para divulgar "os valores socialistas" e instruídos a não falar mal do governo

### **Seleção dos estudantes**

Não existe nada do gênero. Entra qualquer um que apresenta diploma de ensino médio

### **Currículo**

Não importa o curso, todos incluem as disciplinas pensamento político latino-americano e história da Venezuela

### **Nas paredes**

Cartazes com os dizeres "Capitalismo é opressão" e "Pátria, socialismo ou morte", além de painel com a foto do presidente

### **Atividades extraclasse**

Manifestações pró-governo e participação nas milícias de Chávez, nas quais os estudantes podem se alistar no próprio câmpus

## Socialismo desde cedo



**Os colonizadores são os vilões.** A cartilha chavista já é aplicada em 25% da rede de ensino, caso da escola Pedro Felipe Ledezma (foto): o nível das aulas é péssimo


A cartilha bolivariana que Hugo Chávez está implantando nas escolas públicas de ensino básico da Venezuela chama atenção pelo excesso de ideologia e pela fragilidade acadêmica. De inspiração cubana, ela pinta os colonizadores espanhóis como vilões, muda a regra de brincadeiras para que elas deixem de ser competitivas e propõe que as aulas de educação física troquem o vôlei por arco-e-flecha – "com o objetivo de valorizar os povos indígenas". Hoje, cerca de 6 000 escolas já adotam boa parte dessa cartilha, o que representa 25% do ensino básico do país. O plano de Chávez é oficializá-la, de modo que chegue a todos os colégios – públicos e particulares. No ano passado, o governo anunciou que faria isso por meio de um decreto. Diante de protestos veementes, decidiu recuar. Atualmente, a parte da rede pública simpática à cartilha bolivariana tem a liberdade de escolher o que aplicar dela na sala de aula. Não satisfeito, Chávez vai submeter a questão a um plebiscito no ano que vem. "As chances do governo são remotas, mas, caso passe, a lei significará um retrocesso", avalia o pedagogo Leonardo Carvajal. Basta olhar para os resultados das escolas que já adotam o currículo. Elas obtiveram as piores notas numa aferição recente sobre a qualidade do ensino na Venezuela. Isso não parece abalar a determinação chavista. Como já disse publicamente um ex-ministro da Educação de Chávez: "Estamos, sim, politizando a educação. E daí?".

**Publicidade**



Assinante Abril, use o AbrilSac.com sempre que quiser e aproveite a comodidade de saber tudo sobre sua assinatura.

					
Escolha sua promoção para assinar VEJA!	Assine EXAME e ganhe 50% a + na assinatura!	Assine CLAUDIA e receba até 12 meses grátis!	Assine Revista da Semana com 50% de desconto!	Assine Nova Escola por 2 anos e ganhe 1 brinde!	A partir de 03/11 confira a reinauguração da Loja Abril

[VEJA](#) | [Veja São Paulo](#) | [Veja Rio](#) | [Expediente](#) | [Fale conosco](#) | [Anuncie](#) | [Newsletter](#) |  [RSS](#)